

Por uma genealogia do campo do Desenho Urbano no Brasil

Noções, experiências e reflexões

RESUMO GERAL

A intenção ao tratar da Genealogia do Desenho Urbano no Brasil é investigar a história e a constituição deste campo disciplinar assim como indagar sobre suas bases teórico-conceituais, as aproximações e diferenciações do panorama internacional e sua disseminação no país. Os sinais de constituição do campo do desenho urbano na Europa e nos Estados Unidos remontam ao período pós-Segunda Guerra Mundial e, em certa medida, respondem à reconstrução das cidades, ampliação das políticas habitacionais e valorização do patrimônio arquitetônico como um valor cultural. Conforme observado por Porfyriou (2021), embora a maioria dos estudos recentes sobre a história do desenho urbano identifique a conferência internacional organizada por Josep Lluís Sert na Graduate School of Design da Harvard University, como a origem do termo e o início de sua constituição como um campo nos anos 1950, a autora argumenta que uma história do desenho urbano pode ser traçada há muito mais tempo, por meio de uma interpretação mais complexa do termo "desenho urbano".

No Brasil, nota-se os esforços para conformar o campo disciplinar apenas na década de 1980 através da realização em Brasília de quatro edições do Seminário de Desenho Urbano (SEDUR - 1984, 1986, 1988, 1991). Os encontros ocorreram no contexto do processo de redemocratização do país, quando a abertura política gerou e fomentou debates críticos sobre diversos aspectos da sociedade brasileira, com ressonâncias no urbanismo, planejamento urbano e arquitetura. Com um número considerável de participantes, eles envolveram professores, pesquisadores e arquitetos atuantes em instituições públicas de urbanismo debatendo tanto perspectivas teórico-conceituais, quanto novas demandas e práticas profissionais.

Ao passo em que todos os SEDURs tiveram como tônica uma forte crítica ao movimento moderno, um olhar sobre os anais e os autores que organizaram e apresentaram trabalhos nos quatro eventos também aponta para uma diversificação nas temáticas, abordagens e referências bibliográficas, evidenciando uma ampliação ou aprofundamento do campo do desenho urbano no Brasil. Com foco na organização físico-espacial das cidades, os temas tratavam da análise da morfologia urbana, preservação e renovação urbana, assentamentos espontâneos, projetos de cidades novas e expansões urbanas.

Essa diversidade temática é particularmente notável no 4º SEDUR, último da série, que conta com trabalhos específicos na área de Teoria e História, problematizando historicamente e conceitualmente o desenho urbano, enquanto houve uma reconfiguração dos trabalhos focados na prática de projetos urbanos passando a analisar a conformação das cidades e projetos, e ainda mantendo uma seção específica sobre Brasília. Enquanto espaço de debates e lócus da construção acadêmica e prática do campo do desenho

urbano no Brasil, os SEDURs podem auxiliar na compreensão da sua criação, consolidação e difusão, mas também a compreender como esses processos se alteraram e se complexificaram a partir da década de 1980.

A pesquisa abre algumas questões e hipóteses, ainda abertas, que têm guiado a investigação: seria do desenho urbano em campo específico? Seria o desenho urbano um campo intermediário entre arquitetura e urbanismo? Como se deram as fortes relações entre teoria e prática no campo? Quais são as especificidades da constituição do campo no Brasil e como o campo se relacionou com os processos análogos em outros contextos? Tendo os SEDURs como ponto de partida, as palestras desta sessão apresentam diferentes abordagens e temáticas dentro da genealogia do campo do desenho urbano no Brasil a partir de uma visão ampliada, de longa duração que considera as alternativas na construção do campo, a bibliografia de referência, as experiências relevantes postas em relação ao quadro internacional. Destacam-se aqui as abordagens dos seguintes temas: habitação e unidade de vizinhança; o traçado de novas cidades; áreas peri-urbanas e assentamentos informais.

OS PROJETOS DE INTERVENÇÃO EM FAVELAS: O QUE TRANSFORMA E EM QUE É TRANSFORMADO

A série de seminários realizados em Brasília, a partir de meados da década de 1980, propiciou a institucionalização do Desenho Urbano como campo de conhecimento e de atuação profissional no Brasil. Desde o 1º SEDUR, aparecem como tema de reflexão, as formas de intervenção em favelas, com trabalhos que denotam as mudanças nas políticas públicas de intervenção e a participação de profissionais arquitetos e urbanistas junto às comunidades. A experiência de Braz de Pina relatada pelo arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos no 1º SEDUR sinaliza esse processo. A permanência e não a erradicação da favela, a integração gradativa ao bairro e a participação dos moradores no projeto de urbanização são algumas das novas formas. O reconhecimento das estratégias de ocupação a partir da observação do cotidiano da população incluíam o levantamento fundiário, projetos de infraestrutura de acessibilidade e abastecimento de água, poços de esgoto e acesso à rede elétrica pública. Algumas propostas inovadoras de reabilitação ambiental, incluíram espaços públicos com áreas de lazer e convivência da comunidade local. Procura-se, a partir de um recorte temporal de longa duração, analisar as formas de intervenção em favela, as referências teórico-conceituais no contexto dos processos de transformação urbana e política no Brasil.

DESENHO URBANO E A CONFORMAÇÃO DE NOVAS CIDADES

O desenho urbano institucionalizado no Brasil em meados dos anos 1980 foi pautado pela crítica ao urbanismo racionalista e mostrou uma inflexão no modo de perceber e projetar a cidade. Em retrospectiva, os traçados das novas cidades criadas no interior do país ao longo do século XX revelam uma progressiva adesão ao criticado urbanismo racionalista. Não raro estas novas cidades impuseram formas urbanas radicalmente novas – valendo-se principalmente da unidade de vizinhança – e, com isso, se afastaram da tradicional organização espacial e das aspirações do cidadão comum que o desenho urbano tratou de defender. Tomando como estudo de caso múltiplos os traçados de Goiânia (1936), Angélica (1954), Rurópolis (1972) e Palmas (1988), este trabalho analisa o traçado de novas cidades à luz das proposições do desenho urbano no Brasil. Esta análise aponta que conformações urbanas radicalmente distintas das expressões socioculturais locais acabam transformadas e distintas da sua configuração original. Este trabalho revela que, em grande medida, os princípios defendidos pelo desenho urbano no Brasil coadunam com a conformação da cidade e as práticas projetuais vigentes até a hegemonia do urbanismo racionalista.

PROJETANDO A DISPERSÃO: DESENHO URBANO E CONDOMÍNIO FECHADOS NA ATUAÇÃO PERIURBANA DA ALPHAVILLE URBANISMO

Dentre os elementos da urbanização dispersa, destaca-se a intensa difusão de condomínios fechados, conjuntos de habitações unifamiliares fortificados em áreas periféricas, que transformaram a paisagem periurbana das cidades latino americanas, particularmente das brasileiras a partir da segunda metade do século XX. Esta difusão consolidou e naturalizou esse modo de morar no imaginário coletivo, com a participação ativa e fundamental do desenho urbano. Este trabalho tem como objetivo analisar a produção de condomínios fechados da Alphaville Urbanismo S.A., maior empresa urbanizadora do Brasil, desenvolvidos entre 1973 e 2014. Este período abrange duas fases distintas da empresa: entre 1973-1994, período de criação dos condomínios fechados e de convencimento da sua viabilidade como modo de morar para a elite paulista; e entre 1994 e 2014, quando a empresa amplia sua atuação, antes restrita à região metropolitana de São Paulo, para atuar em outros estados, construindo mais de 60 empreendimentos. Para a pesquisa, desenvolvemos uma análise territorial e morfológica dos projetos urbanos desses condomínios a partir de cartografias e redesenho dos projetos, possibilitando o estudo comparado entre eles. A cartografia crítica permitiu a problematização dos padrões de projeto e de localização no território dos condomínios, buscando compreender historicamente a consolidação deste modo de morar periurbano fortemente segregado, contribuindo para a desnaturalização dos condomínios periurbanos e para o fortalecimento da crítica urbanística aos condomínios fechados.

UNIDADE DE VIZINHANÇA: DESENHO URBANO ENTRE HABITAÇÃO E CIDADE

O conceito de Unidade de Vizinhança, consolidado pelo sociólogo norte-americano Clarence Perry nos anos 1920, trata de um arranjo urbanístico para as áreas residenciais dentro do contexto de intenso crescimento urbano. Ele é formulado em estreita relação com a noção de comunidade desenvolvida pela chamada "escola de Chicago" de sociologia e formalizado em um arranjo espacial dentro de um plano urbano. Tal conceito foi amplamente difundido e aplicado nos planos de reconstrução do pós-guerra e simultaneamente foi apropriado por diversos arquitetos urbanistas em países latino-americanos em situação distinta.

O objetivo deste trabalho é analisar, através das perspectivas das histórias conectadas, algumas das experiências de Unidades de Vizinhança na América Latina explorando diferenças que apresentem as apropriações a situações locais e, simultaneamente, as aproximações que possam revelar conexões mais amplas entre as experiências latino-americanas. Busca-se também ressaltar como o conceito de Unidade de Vizinhança para além dos desenhos de áreas residenciais propunha uma articulação com o plano urbano, deste modo, associando escalas diversas do desenho urbano.